

RIEGER, Joerg. *Christ & empire: from Paul to postcolonial times*. 1st. ed. Minneapolis: Fortress Press, 2007. 334 p.

## Do Cristo senhor ao Cristo cósmico: metáforas cristológicas e impérios

Helmut Renders\*

Com *Christ & empire*, Joerg Rieger, professor de Teologia Sistemática na Methodist University de Dallas (Texas, EUA), apresenta um estudo com o potencial para tornar-se um clássico.

Altamente elogiado por teóricos de estudos pós-coloniais como Dwight N. Hopkins (University of Chicago), Catherin Keller (Drew University) e Kwok Pui-lan (Episcopal Divinity School), o autor introduz à história de dois mil anos de interpretações cristológicas. Em sete capítulos, ele relaciona épocas com ênfases cristológicas: Império Romano (Cristo senhor); época da formação dos credos (co-igualdade); época medieval (Deus (que se torna)-humano); início da época colonial (o caminho de Cristo); colonialismo tardio (profeta / sacerdote / rei); época do neocolonialismo (*Christus victor*); e pós-colonial (Cristo cósmico).

Porém, não se unem e se descrevem, aqui, meramente, clássicas cristologias numa visão histórico-teológica e contextual. Rieger vai além de uma história do dogma (*Dogmengeschichte*), tão típica para a teologia alemã. Ele propõe uma leitura numa perspectiva pós-colonial e investiga as relações entre as metáforas cristológicas (Rieger prefere a expressão “imagens de Cristo”, “*images of Christ?*”) e os impérios de suas respectivas épocas. O autor sugere uma releitura que vai “além da mera habilidade a recitar Paulo [...], Anselmo ou Schleiermacher. [...] Os/as leitores/as são convidados/as a engajar-se num processo constante de repensar a nossa herança em relação ao fluxo de poder...” (p. viii). Em seguida,

---

\* Doutor em Ciências da Religião, é professor na Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo. Endereço eletrônico: [helmut.renders@metodista.br](mailto:helmut.renders@metodista.br).

Rieger compartilha a sua conclusão: cada imagem de Cristo não somente dialoga, mas, muitas vezes, foi lida no/e respira o espírito do império ou do pensamento imperial da sua era. Todavia, sendo parte das suas culturas, elas deixam também transparecer as suas ambigüidades. Assim, leituras oficialmente favorecidas, amplamente documentadas e propagadas competem com leituras alternativas, marginalizadas, porém, nunca plenamente caladas. As mesmas metáforas, então, são lidas a partir das realidades e perspectivas dos(as) oprimidos(as) e excluídos(as) oferecem leituras distintas das oficiais. Cada império cristão quer integrar e subordinar a cristologia da sua época para formar um sistema fechado. Entretanto, a história mostra que isso nunca foi realizado de forma plena e absoluta. Em vez disso, construíam-se uma leitura contínua e competitiva entre uma leitura imperial ou colonial ou, às vezes, simplesmente, majoritária (*mainline*) dos(as) vitoriosos(as) e uma compreensão que alimenta as forças de resistência dos(as) marginalizados(as) de todos os tempos. Finalmente, transparece, em todas as imagens cristológicas, um “supérfluo” cristológico (p. 9 e p. 315) que serve como uma “inspiração de Cristo como o Senhor da resistência que desafia todos os senhores autoproclamados que seguem a lógica convencional do poder que vem de cima para baixo” (p. 315). Ele conclui, em parte surpreendente: “Por meio de todos estes caminhos, ambos, os(as) colonizadores(as) e os(as) colonizados(as), [...] são transformados(as) e, finalmente, libertos(as)” (p. 316).

No decorrer da construção do seu argumento, Rieger dialoga com autores clássicos e mais recentes e se apropria de suas contribuições (por exemplo, Leonardo Boff, John Dominic Crossan, Michel Foucault, Gustavo Guitérrez, Eduardo Hoornaert, Las Casas, Jürgen Moltmann, Twetsan Todorov e Kathrin Keller). Um abrangente índice combina temas e nomes (p. 325-334) e facilita pesquisas especiais (porém, pergunto por que se registram os concílios de Orange e Éfeso, mas não os de Calcedônia (p.79) e Nicéia (p. 78). O livro dirige-se ao(à) estudante de Teologia que, certamente, agradecerá pela clara estrutura mantida do início ao fim do texto e, também, pela linguagem acessível.

Em relação à escolha das metáforas cristológicas, chamam a nossa atenção algumas ausências. Primeiro, a metáfora do crucificado ocupa um espaço marginal no texto, apesar de ser mencionado como parte da teologia paulina (p. 46-49) e do “projeto de Moltmann” (p. 115; rodapé da p.163), mas não de Lutero. O mesmo vale para a metáfora do Cristo-pastor que, competiu, cronologicamente visto, diretamente com o conceito do Cristo-senhor. Ambas as metáforas não são somente de interesse histórico, mas contemporâneo, por terem, ambas, o seu potencial de resistência e serem, ambas, literalmente, domesticadas – o que se torna visível na iconografia cristológica presente em tantas salas e dormitórios protestantes (e católicos também). As cristologias de Calvino e Zuínglio nem são

considerados no índice temático, mesmo que sejam as suas aproximações teológicas expressões explícitas de confrontos imperiais. Em vez disso, Rieger segue da época da conquista espanhola (com Las Casas sendo a referência da resistência no capítulo quatro) diretamente para F. Schleiermacher e o romantismo alemão, bem como seus sonhos imperiais (no quinto capítulo). Quanto mais se compreendem os processos históricos como um entrelaçamento entre aspectos, geográficos, econômicos, sociais, epidêmicos, políticos, filosóficos e teológicos etc., surgem outras perguntas em relação a detalhes. Por exemplo, por que, no quinto capítulo, “ao lado de Herder” não se fala também de Hegel? Todavia, para ser justo, chega-se aqui também no limite de diversificação de um livro com 334 páginas.

Mas, avaliados a partir do seu propósito, *Christ & empire* inspira e deconstrói ingenuidades cristológicas, bem como sensibiliza por seu potencial libertador e pelas condições que liberam este potencial. Nem uma perspectiva cristológica heróica e idealizadora, nem uma perspectiva céptica ou irônica pode dar conta, então, e justifica a multiplicidade das compreensões e da utilização das metáforas cristológicas no decorrer dos séculos. Elas dialogam sempre com os poderes formadores das culturas e seus respectivos impérios e tornam-se, assim, símbolos de colaboração ou de resistência, mas não de forma automática ou unilateral. Que o autor sonhe com a transformação e libertação tanto de colonizadores(as) como de colonizados(as) (p. 316) surpreende, mas é consequência do desenvolvimento do seu argumento. Entendemos que, mais utópico ainda do que a conversão do opressor é, provavelmente, a vitória de um só grupo social, seja ele mais opressor ou oprimido. Talvez seja isso o novo realismo das gerações mais recentes.

Uma tradução do livro é desejável por introduzir uma nova geração de teólogos(as) que atua, hoje em dia, na América do Norte, mas que vem de todos os continentes e que começa a desenvolver um caminho que desafia os impérios de todos os tempos e de todas as formas. Espera-se que esta tradição renasça também na América Latina e, especialmente, no Brasil – onde uma geração já marcou épocas anteriores.